

ANITTA, #ELENÃO E AS COBRANÇAS POR REPRESENTATIVIDADE E COERÊNCIA

Denise Figueiredo Barros do Prado¹
Lívia Alessandra Campos Monteiro²
Rayza Sarmiento³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como se deu a cobrança pública por posicionamento de Anitta durante a campanha #elenão. Nosso aporte teórico dialoga com os estudos sobre a emergência das celebridades e sua relação com a política, junto da discussão sobre representatividade. Desenvolvemos uma análise de conteúdo de 184 *tweets* publicados durante o período eleitoral de 2018. Entre nossos achados, verificamos um entrecruzamento de questões associadas ao gênero da cantora, sua trajetória como artista e demais posicionamentos morais para cobrar a publicização de seu apoio ou não ao candidato e/ou à *hashtag*.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade; celebridades; Anitta; #elenão.

ANITTA, # ELENÃO AND CLAIMS FOR REPRESENTATIVITY AND COHERENCE

ABSTRACT

This article aims to analyse how the public required a political position from Anitta during the #elenão campaign. Our theoretical contribution dialogues with the studies of celebrities emergence and their relation with politics and the discussion of representativity. We developed a content analysis of 184 tweets published during the 2018 Brazilian electoral period. Within our research findings, we verified a connection between questions associated with the singer's gender, her trajectory as an artist and other moral positions to demand the publicization of her endorsement of the candidate and the hashtag.

KEYWORDS: Representativity; celebrities; Anitta; #elenão

INTRODUÇÃO

Em escala global, as discussões e as campanhas políticas vêm sendo mediadas e modificadas pelas dinâmicas comunicacionais do ambiente digital. Neste contexto, as

¹ Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. É coordenadora do GIRO – Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais (UFOP/CNPq). Atualmente, desenvolve Estágio de Pós-doutorado junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (CHAMADA CNPq nº 08/2019). E-mail: denise.prado@ufop.edu.br

² Lívia é mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e é graduada em jornalismo pela mesma universidade. É integrante do GIRO - Grupo de Pesquisa em Mídia e Interações Sociais (CNPq/UFOP). Desenvolve pesquisas relacionadas a representações, práticas sociais, redes sociais, comunicação e cultura. E-mail: liviaacm@gmail.co

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do GCODES/CNPq - Grupo de Pesquisa em Gênero, Comunicação, Democracia e Sociedade. E-mail: rayzasarmiento@gmail.com

mídias sociais se constituem como espaço de debate e demonstração de apoio político, notícias falsas são usadas estrategicamente e disseminadas de forma rápida por meio das redes sociais, e aplicativos como *WhatsApp* são utilizados para envios de mensagens massivas. Nessa ambiência e nos espaços institucionais de poder, figuras conservadoras, reacionárias e da ultradireita têm ganhado espaço.

No Brasil, o contexto eleitoral de 2018 foi marcado pelo embate entre os candidatos Jair Bolsonaro (eleito pelo Partido Social Liberal/PSL e atualmente sem partido) e Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores/PT). Bolsonaro, militar da reserva, ganhou visibilidade nacional há alguns anos, sobretudo em 2016, durante o impeachment de Dilma Rousseff (PT). Em seu voto a favor do impedimento da primeira presidenta brasileira, como deputado federal eleito pelo Rio de Janeiro (cargo que ocupou por décadas, transitando em diversas legendas partidárias), ele homenageou um coronel militar que foi torturador durante o período ditatorial brasileiro iniciado em 1964⁴. Suas falas públicas exaltam o militarismo, a religião, o conservadorismo, o armamento da população e o apoio à tortura e ao golpe de 1964. O então candidato também criticava a suposta parcialidade da mídia, os direitos humanos e principalmente grupos minoritários, com diversas falas misóginas e LGBTfóbicas⁵.

Uma série de manifestações em oposição ao candidato do PSL foi articulada nas ruas e nas redes online. Muitos grupos foram criados em redes sociais para articulação política de pessoas contrárias ao militar da reserva. Entre eles, se destacaram “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” e “LGBT contra Bolsonaro”, tendo o primeiro alcançado mais de 2 milhões de membros⁶. No mesmo período, foi criada a *hashtag*⁷ #elenão, ao lado de outras *hashtags* como #mulherescontraofascismo e #MulheresContraBolsonaro.

⁴Disponível em: < <https://noticias.band.uol.com.br/jornaldaband/videos/15832962/bolsonaro-vota-em-memoria-de-coronel-ustra-no-impeachment> > Acesso em 20 mai. 2020.

⁵ Há várias falas virulentas proferidas pelo candidato durante sua vida pública e na campanha eleitoral. Dentre essas falas, destacamos: em 2010, época do debate da legislação contra a punição corporal em crianças (promulgada em 2014, conhecida como Lei da Palmada), Bolsonaro, então deputado federal, afirmou que “O filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro, ele muda o comportamento dele. Tá certo?” no programa *Participação Popular* da TV Câmara; em 2016, afirmou que “O erro da ditadura foi torturar e não matar”, no programa *Pânico* da Rádio Jovem Pan; no ano seguinte, no Clube Hebraica do Rio de Janeiro, ao posicionar-se contra a existência de reservas quilombolas, Bolsonaro disse: “Fui num quilombola [*sic*] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais” (disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>).

⁶ Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/14/politica/1536941007_569454.html > Acesso em: 20 mai. 2020.

A articulação por meio desses grupos propôs uma manifestação em todo o Brasil, em 29 de setembro de 2018, que levou às ruas de mais de 100 cidades milhares de cidadãos e cidadãs críticos à postura e à possível eleição de Bolsonaro⁸. A crescente adesão à #elenão no ambiente online levou muitas pessoas a cobrarem o posicionamento de diversas celebridades, como aconteceu com a cantora pop e empresária Anitta.

Engajados nos movimentos de oposição à candidatura de Jair Bolsonaro, diversos fãs passaram a incitar os célebres a se envolverem na campanha como forma de ampliar a adesão e conquistar visibilidade para a causa. Nesse cenário, fãs de Anitta, especialmente aqueles engajados em lutas pelos direitos da comunidade LGBTQ+, passaram a convocá-la a se posicionar. Em paralelo – e à medida que Anitta tardava em se manifestar – diversas celebridades (Iza, Pablo Vittar, Rita Lee, Chico Buarque, Gilberto Gil, entre outros) aderiram à campanha e, inclusive, lançaram um “desafio” no qual, por meio de um vídeo postado em suas redes sociais, estimulavam seus pares a participar com o posicionamento público. Diante da demora e reticência da Anitta em se manifestar, travou-se uma disputa entre os fãs com relação às ações da artista, que culminou numa adesão tardia ao movimento.

É sobre essa relação travada entre os fãs de Anitta à época do movimento #elenão que este texto se volta. Problematizamos neste artigo como os fãs de Anitta, a partir de demandas por representatividade, organizaram uma cobrança pública por posicionamento da artista durante a campanha #elenão. Para isso, analisamos como os públicos acionam discursos a fim de instá-la a aderir à #elenão, entrecruzando questões relativas ao seu gênero, sua trajetória como artista e demais posicionamentos morais para cobrar a publicização de seu apoio ou não ao candidato e/ou à *hashtag*. Como *corpus* empírico, nossa análise se concentra em 184 *tweets* publicados no período de 12 a 27 de setembro de 2018, com os termos #anittadiganãoafascismo,

⁷ As *hashtags* são recursos utilizados em redes sociais para indexar publicações a determinados assuntos ou discussões a partir do uso do símbolo # no início de uma palavra ou frase. A publicação que utiliza uma *hashtag* fica indexada a outras publicações relacionadas que também foram publicadas com a mesma *hashtag*. Ela é, atualmente, uma importante ferramenta para organização e mobilização nas redes sociais, facilitando a compreensão de como, o quê e quanto os usuários das redes sociais estão falando sobre um assunto.

⁸ Número divulgado de acordo com o G1: Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contrario-e-favor-de-bolsonaro.ghtml> Acesso em: 20 mai. 2020.

#anittaisoverparty, #forçaanitta #respectforanitta e #anittanão, a fim de acessarmos o processo de construção discursiva dos fãs sobre o posicionamento da artista, bem como o desenvolvimento temporal do caso. A seguir, contextualizamos a trajetória da artista e o desenrolar do caso relativo à #elenão.

ANITTA E O #ELENÃO: BREVE CONTEXTO

Anitta é uma cantora que ganhou repercussão nacional em 2013, com o lançamento da música “Show das Poderosas”. Em sua trajetória, a posição pública da artista busca evidenciá-la como ativista e promove sua relação com o empoderamento das mulheres e com o feminismo⁹, além de se declarar membro da comunidade LGBTQ+¹⁰. Em sua carreira, Anitta fez algumas ações para inclusão de minorias, priorizando em seu grupo de dançarinos e clipes pessoas com deficiência, LGBTQ+ e pessoas gordas¹¹. Sua estreita relação com esse público foi demonstrada diversas vezes, em especial em 2018, quando a artista foi destaque na 22ª Edição da Parada LGBTQ+ de São Paulo.

Em 12 de setembro de 2018, mesmo dia em que surge a #elenão, a #anittadiganãoaofascismo começou a ser divulgada pelos fãs da artista, com o intuito de convocá-la para apoiar a campanha de oposição à candidatura de Jair Bolsonaro. A amplitude do pedido alcançou o 55º lugar nos *trending topics* do *Twitter*¹² no dia 12 e o 6º lugar no dia seguinte. Ainda assim, nesse período, Anitta não se manifestou ou fez qualquer publicação em referência à #elenão.

A ausência de posicionamento da artista estimulou a intensificação das pressões por sua adesão e, em 19 de setembro, uma nova *hashtag*, #anittaisoverparty¹³, entrou para os *trending topics* como uma continuação da cobrança para que a celebridade se

⁹ De acordo com entrevista disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2018/01/anitta-diz-considerar-se-feminista-tento-fazer-a-minha-parte.shtml> Acesso em: 20 mai. 2020.

¹⁰ De acordo com declaração no *Twitter*, Disponível em: <https://twitter.com/Anitta/status/1042469322868895745> Acesso em: 20 mai. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/com-bale-inclusivo-anitta-rouba-cena-em-show-e-realiza-sonho-de-atleta-paralimpica.ghtml> Acesso em: 20 mai. 2020.

¹² *Trending topics* é um recurso do *Twitter* que sinaliza a potencialidade do assunto associado à *hashtag* ter alcançado grande disseminação – ou seja, mais do que mensurar a repetição ou recorrência das *hashtags*, indica-se sua difusão.

¹³ A expressão “isoverparty” em *hashtags* está associada a uma lógica semelhante ao “cancelamento”, no qual o célebre é criticado e decreta-se o “fim” de sua carreira como referência na vida pública.

posicionasse. Outro motivo salientado pelos fãs para a insistência nas cobranças foi que, naquele momento, Anitta seguiu uma amiga do *Instagram* que possuía referências a Bolsonaro em seu perfil. A partir deste dia, as publicações dos fãs passam a ser mais agressivas e violentas, adotando xingamentos e acusações, criticando-a por supostamente se aproveitar do “*pink money*”¹⁴.

No mesmo dia, Anitta quebrou o silêncio sobre o tema publicando uma série de conteúdos no *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* se referindo à cobrança dos fãs, dizendo que sofreu ameaças e *cyberbullying* por não ter declarado seu voto. A cantora justificou que não era obrigada a divulgar sua posição política, nem fazer campanha para algum candidato à presidência, afirmando ainda que não apoiaria ninguém que fosse contrário aos direitos da comunidade LGBTQ+: “É um direito meu não querer opinar sobre política e eu só estou exercendo esse direito” (ANITTA, *TWITTER*, primeiro *tweet*, 19/09/2018) e, na sequência dessa postagem, “É totalmente incoerente dizer que eu apoio a morte à comunidade LGBTQ+ quando eu faço parte dela. Estaria apoiando minha própria morte” (ANITTA, *TWITTER*, quarto *tweet*, 19/09/2018).

Após a manifestação da artista, Flávio Bolsonaro (ex-PSL, atualmente no Republicanos), filho de Jair Bolsonaro e senador pelo Rio de Janeiro, publicou em suas redes sociais¹⁵ um vídeo defendendo o direito de Anitta ficar em silêncio. Logo em seguida, apoiadores da família Bolsonaro começaram também a fazer publicações em defesa de Anitta, utilizando a *hashtag* #forçaanitta e #respectforAnitta, mobilizando seus apoiadores. As publicações buscavam expressar solidariedade e, ao mesmo tempo, defender uma celebridade que, a partir dali, eles consideravam uma eleitora de Bolsonaro.

Na semana seguinte, no dia 23 de setembro, Anitta disse em vídeo ter sido desafiada por Daniela Mercury e se posicionou a favor da #elenão. Ela reafirmou que não era conivente com o machismo, racismo e homofobia, e que isso estava claro em sua vida pública. Ela ainda desafia outras celebridades, como Ivete Sangalo, Claudia Leitte e Preta Gil a se manifestarem. Depois disso, com a adesão declarada à campanha, houve revolta entre os fãs da cantora que eram favoráveis ao candidato do PSL,

¹⁴ O termo é utilizado para se referir ao poder de compra da comunidade LGBTQ+ e aos produtos que tal grupo consome.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=697369960638137>> Acesso em: 02 mar. 2020.

conduzindo a #anittanão aos *trending topics* do *Twitter*. Após essa publicação, Anitta não voltou mais a falar sobre as eleições, nem mesmo após o resultado do segundo turno, dia em que ela publicou uma série de *stories* em uma viagem para Dubai.

Essa intensa mobilização dos fãs acerca do (não) posicionamento de Anitta, além de se conectar a um quadro político tenso que caracterizou o período eleitoral brasileiro de 2018, nos permite problematizar o papel das celebridades no cenário político contemporâneo, no qual os célebres são acionados e se engajam em questões políticas ampliando a visibilidade das causas que aderem, vocalizando e organizando discursos acerca de questões políticas e encarnando demandas por representatividade. Diante disso, procuramos avançar na problematização do lugar das celebridades nesse contexto a fim de amadurecermos um entendimento das disputas envolvendo o posicionamento de Anitta relativo à #elenão.

CELEBRIDADES, POLÍTICA E REPRESENTATIVIDADE

Compreender a demanda dos fãs por um posicionamento de Anitta envolve um entendimento sobre o lugar das celebridades na cultura contemporânea. Para França (2014), celebridade é um conceito que, mais do que evidenciar as relações da fama e sucesso de determinadas figuras, envolve complexas relações de reconhecimento e celebração tecidas em torno de determinadas figuras referenciais. Assim, para a autora, numa crítica à perspectiva de Boorstin (apud FRANÇA, 2004) – para quem a fama está associada a uma redundante e intensiva presença midiática – as celebridades emergem e se sustentam na cena pública não pela intensa projeção na mídia, mas, precisamente, por estarem “em sintonia com o quadro de valores e com o centro de poder de uma comunidade ou grupo social” (FRANÇA, 2004, p.25). Em diálogo com essa abordagem, Simões (2014) afirma que as celebridades encarnam traços e valores de sua época, de modo que se tornam figuras referenciais para compreendermos o contexto social e suas tensões.

Turner (2016) discute que atualmente, dada a grande emergência de celebridades (de diversos níveis e escalas de alcance), há a falsa sensação de arbitrariedade entre aqueles que efetivamente alcançam o sucesso e os relegados a segundo plano. Muito embora diversos sujeitos procurem mobilizar as mesmas estratégias para conquistar

sucesso, somente alguns obtêm destaque e dominância na cena pública. Para ele, o sucesso é um processo menos aleatório do que parece, pois envolve intrincados jogos de visibilidade midiática e articulação de papéis de destaque, associados à transformação na relação entre célebres e fãs. De acordo com o autor, as interações com os fãs vêm passando por modificações, principalmente no seu até então destacado caráter para-social, uma vez que o engajamento via redes sociais digitais engendra um contato mais “autêntico” e “não mediado” – tal sensação surge, especialmente, porque muitas vezes são os próprios célebres que postam e conduzem suas redes, produzindo reações e comentários envolvendo seus fãs e suas postagens (MARWICK, BOYD, 2011). No caso de Anitta isso se torna evidente, uma vez que os fãs, ao criarem as *hashtags*, tornam manifesta a percepção de que essa seria uma via de acesso e contato com a artista nutrindo – se não individualmente, ao menos coletivamente – uma expectativa de diálogo. Ou seja, mobilizando-se em grupo, os fãs sentem-se em condições de demandar ações dos célebres por considerarem que suas postagens, mais do que visíveis, são capazes de atrair a atenção e remodelar o curso das ações da artista.

Para Click, Lee e Holladay, “as mídias sociais mudaram as expectativas dos fãs sobre o comportamento das celebridades” (2013, p. 366). Nessa perspectiva, os fãs, dada a sensação de intimidade e proximidade provocada pelo contato via redes sociais, sentem que as celebridades seriam mais “autênticas” nesses espaços e exibiriam e construiriam uma relação mais íntima e aproximada. Tal forma de intimidade e contato estimularia uma sensação de reciprocidade entre fãs e celebridade, impactando na sensação de conexão entre elas.

Essa relação aproximada está associada às formas de presença dos célebres. Para Marshall (2019), esse tipo de presença – que estimula uma sensação de proximidade e de “menor” mediação das instituições midiáticas – e as relações nutridas com seus públicos vem incorporando um importante lugar de acesso e visibilidade das informações e questões sociais, graças à conversão dos fãs em “seguidores”. Tal modalidade de conexão entre as questões sociais e os públicos modifica a forma de organização social e de debate das questões públicas:

The new fame apparatus of online culture and its construction of pandemic personas provides a pathway for this form of agency that is at least partially disconnected from traditional structures of support in liberal and social

democracies. The agency of the influencer online is tacit acceptance that their individual value and power is self-generated despite its clear connection to maintaining a connection to an audience, a collective. (...) These collectives are leading to different formations of publics, divided and fluid, small, and sometimes disconnected from place – a kind of seriated, sometimes connected in online communicative patterns of micro-publics of interest and emotional clusters (MARSHALL, 2020, p. 99).¹⁶

Com isso, tanto os célebres quanto os públicos são capazes de organizar posições políticas e estabelecer contato rompendo limites espaço-temporais e criando interconexões a partir de laços tecidos em outros campos sociais (como suas experiências culturais e musicais junto da artista) para alimentar interações com temas políticos mais precisos, associados a outros campos da vida cotidiana. No caso analisado, vemos que os fãs vão se organizando difusamente, construindo argumentos e estabelecendo uma discussão sobre a necessidade e/ou validade da posição de Anitta com relação à #elenão, ao mesmo tempo em que procuram atrair a atenção da artista para a campanha com o objetivo de conquistar, pela sua adesão, mais visibilidade para a causa e os anseios a ela associados (fortalecendo um discurso oposicional ao então candidato Jair Bolsonaro).

Os fãs criaram *hashtags* potentes, com expressões capazes de atrair a atenção dos públicos ainda não engajados e da própria artista, como a “#anittadiganãoaofascismo”. Para justificar o porquê da cobrança direcionada a essa artista, os grupos convocaram alguns elementos como seu engajamento junto ao grupo LGBTQ+ e sua trajetória cultural como funkeira e moradora de periferia. Com isso, são construídas falas que procuram ecoar na sua visibilidade como célebre um lugar referencial para tratar de questões políticas e sociais.

Tal perspectiva está associada a uma ideia bastante comum ao se falar dessas posturas esperadas pelas pessoas célebres: *representatividade*. Oriunda da representação – conceito e fenômeno caro aos estudos da Ciência Política, baseada nas democracias contemporâneas majoritariamente na autorização explícita via voto – a

¹⁶ Tradução nossa: “Os novos aparatos da cultura da fama online e sua construção de personas pandêmicas fornecem um caminho para essa forma de agenciamento que é, pelo menos parcialmente, desconexa das estruturas tradicionais de sustentação das democracias liberais e sociais. O agenciamento dos influenciadores online é a aceitação tácita de que seu valor individual e poder é autogerado apesar de sua clara conexão com a manutenção da ligação com uma audiência, um coletivo. (...) Esses coletivos estão conduzindo a diferentes formações de públicos, divididos e fluídos, pequenos, e, às vezes, desconectados de um lugar – uma espécie de série, às vezes vinculada por padrões comunicativos online de pequenos públicos de interesse e grupos emocionais”. (MARSHALL, 2020, p. 99)

representatividade vem adicionar ao processo representativo uma demanda por maior proximidade ou atenção àqueles que se tornam representados.

Nas discussões mais recentes sobre representação, tem-se passado da observação estrita dos governos representativos (ou do sistema político formal) para o entendimento de outras lógicas que engendram esses processos, de modo que podemos falar em representantes eleitos e não eleitos. Falando especificamente dos representantes eleitos, Urbinatti (2006, p. 2006) entende a representatividade “tanto como uma força revigorante quanto como um indicador que, à semelhança de um termômetro, sinaliza o *status* da ‘força integradora’ que liga os eleitos e a assembleia que sedia a sociedade”.

Os meios de comunicação, há tempos, são tratados como um elemento central para entender como candidatos se deslocam de partidos e sustentam suas imagens a partir de lógicas comunicacionais personalizadas, naquilo que Manin (1995) chamou de democracia de público. Nesse contexto, mais recentemente, espaços como organizações não-governamentais e conselhos de políticas públicas também passaram a *produzir* representantes, seja pelo fato de uma minoria que os autoriza ou mesmo por publicizarem uma determinada causa (ALMEIDA, 2014). Nesse segundo caso, há toda uma literatura preocupada com o *advocacy*, com “a idéia de chamar para si o interesse de algo ou alguém quanto a ação de vocalizar ou dar voz a esse interesse” (LAVALLE et. al, 2006, p. 91), sobretudo no tangente às minorias políticas.

Essa forma de representação exercida por esses “não eleitos” foi sistematizada por Saward (2009) e dentre sua tipologia o autor cita aquelas “reivindicações mais amplas” e feitas “por novas vozes”¹⁷. O exemplo clássico desta discussão é o astro do rock Bono Vox, quando afirmara representar a África na luta contra a fome. A esse respeito, Saward (2009, p. 12) pontua que uma reivindicação “may be based on the fact that an important perspective within a debate is not being heard or even voiced, especially due to structural limitations arising from the institutional configuration of conventional representative government”¹⁸.

¹⁷ Nos estudos do campo da Comunicação no Brasil, essa perspectiva é proeminente na discussão de Garcêz (2017), sobre quem tem autoridade para representar discursivamente as pessoas surdas.

¹⁸ Tradução nossa: “pode ser baseada no fato de que uma importante perspectiva dentro de um debate não está sendo ouvida ou até expressada, especialmente devido às limitações estruturais emergentes das configurações institucionais de governos representativos convencionais.”

Nessa breve retomada do espectro em que se consolida e se estuda a representação, reside certa esperança, de cunho qualitativo, por parte de quem se entende como representado de que o representante (eleito ou não eleito) espelhe características (territoriais, físicas, profissionais etc.) ou valores que compartilham.

O ativismo e a teoria política feminista há muitas décadas insistem na necessidade de maior representação e representatividade de mulheres em postos de poder e decisão. Consagrada na ideia de uma “política da presença”, termo de Phillips (2001), as mulheres deveriam ocupar mais espaços políticos, não deixando apenas as decisões no âmbito das “políticas das ideias”, desencarnada de corpos. Mais recentemente, é a conjugação de ideias e presença que vem sendo requerida de forma mais radical (ARRUZZA et. al, 2019), sobretudo a partir da onda conservadora também efetivada por mulheres, vide a ministra brasileira do Governo Bolsonaro Damares Alves, à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, desde janeiro de 2019.

No âmbito da sociedade, para além de espaços entendidos aprioristicamente como políticos, a demanda por representatividade é crescente. Produtos comunicacionais diversos e pessoas públicas são confrontadas, sobretudo quando da sua ausência. bell hooks, focada na representação racial, assinala que “existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa” (2019, p. 33), dado que, para a autora, “representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos” (2019, p. 33).

Expandindo a ideia de Urbinatti (2006) para essas formas simbólicas de construção do mundo, a representatividade desejada em produtos culturais ou de entretenimento vem da 1) superação de invisibilidades; 2) da possibilidade de identificação descritiva, não apenas de forma residual (garantir, por exemplo, a presença de pessoas negras, pessoas gordas, mulheres em papéis ou espaços não estereotipados, visibilização da vivência de sexualidade ou identidades de gênero de forma não estigmatizadas...); e 3) da inserção da presença junto a discursos que desconstruam as invisibilidades e os estereótipos supracitados, tendo as desigualdades estruturais em que

estão inscritos como pano de fundo. Maior representatividade não se encerra, assim, apenas em uma demanda por mais visibilidade de pessoas de um determinado grupo social, mas se conjuga com expectativas críticas acerca dessa presença. Pensar em representatividade, especialmente quanto às dimensões de gênero a partir da comunicação, é fundamental, dado que, como sinalizam Connell e Pearse (2015):

Ideias sobre comportamentos adequados a cada gênero circulam constantemente, não apenas pelas mãos de legisladores, mas também nas atitudes de padres, pais, mães, professores, publicitários, donos de pontas de estoque, apresentadores de talk-show e DJs (...) Efetivamente, ajudam a criar essas diferenças ao exporem masculinidades e feminilidades exemplares (CONNEL; PEARSE, 2015, p. 38).

É nesse cenário de demanda por representatividade no campo cultural que vem emergindo as celebridades politizadas (WHEELER, 2014). É cada vez mais comum que os famosos apresentem voluntariamente ou a partir de “convocações” explícitas suas opiniões sobre a política formal ou mesmo questões políticas espalhadas nos comportamentos sociais (tais como desigualdade de gênero, cultura alimentar (veganismo), sustentabilidade, dentre outras). O ativismo das celebridades se torna uma forma de conferir visibilidade a determinadas causas, bem como lhes concede, em face de seus públicos, certa apreciação pelo seu apoio a causas humanitárias, certos valores ou mesmo, poderíamos acrescentar, adesão a determinado espectro político.

Wheeler (2014) enfatiza que esse processo não acontece sem tensões, sobretudo a partir da problematização das formas de adesão dos célebres, pois isso conduz ao questionamento acerca da vinculação com a trajetória moral do/da célebre. Ou seja, contemporaneamente, as adesões dos famosos a determinadas causas são lidas à luz de uma trajetória moral e social traçada anteriormente, de modo que o apoio manifesto tenha sentido e coerência com suas ações e gestos públicos. É nesse contexto que Anitta, autodeclarada feminista e membro da comunidade LGBTQ+, é instada a aderir às campanhas em defesa desses grupos, tal como exposto por seus fãs na defesa da #elenão.

As pressões pelo posicionamento de Anitta podem ser compreendidas a partir da perspectiva de Liza Tsaliki (2016), para quem o engajamento político vem se tornando um imperativo aos célebres, pois nesses gestos políticos os célebres demonstram publicamente a sua aderência aos valores morais que ostentam nas redes sociais online.

Aprofundando sua reflexão e observando as postagens de figuras públicas em apoio a determinadas causas no *Twitter*, Tsaliki destaca que o engajamento dos célebres em certas causas políticas não só tem afetado o equilíbrio e as regras do jogo político – pois lançam visibilidade sobre as questões que apoiam – como conduzem seus fãs ao debate e à mobilização relativos a essas causas:

it makes sense to expect that celebrity activist tweeting, would be conducive to creating, if not a groundswell of *collective* support, at least a critical mass of cause – and issue-based *connective* action; *Twitter's* digitally networked action (DNA for Bennet and Segerberg 2012) would capitalize on the personalized social networking between celebvocates and their followers and among followers themselves to spread the word for the ‘good causes’ (TSALIKI, 2016, p. 238, grifos da autora).¹⁹

Dessa forma, a adesão a determinadas causas e movimentos sociais não só imprime uma visibilidade às causas, como também confirma uma dimensão moral dos célebres, tornando manifestas suas posições políticas. Se esse gesto reverbera na visibilidade das causas, também impacta na relação com os fãs: a partir daí, o escrutínio da vida dos célebres e suas aparições públicas também passam a ser analisados em face das adesões a determinados valores enfeixados por essas causas.

Isso se torna especialmente relevante se recuperarmos a noção de França (2014) e Simões (2014) para quem a adesão aos célebres exibe uma vinculação, para além de afetiva, moral, pois os fãs engajam-se com aqueles que compartilham valores. A própria noção de “seguidores” (ou *followers*) envolve mais do que uma admiração àqueles que lhes são caros, pois diz de uma relação de direcionamento, de compartilhamento de perspectivas. Assim, a relação entre os fãs e os célebres envolvem complexos processos de identificação, por meio dos quais a reafirmação dos valores que ancoram essa relação torna-se crucial para sua manutenção. Assim, o sucesso dos célebres e a conquista dos fãs, diferente de uma aleatoriedade ou mero excesso de exposição, envolve um entendimento intersubjetivo e compartilhado de formas de ler o mundo social e suas questões.

¹⁹ Tradução nossa: “[...] faz sentido esperar que os tweets ativistas das celebridades conduzam à criação, se não de uma onda de suporte coletivo, pelo menos de uma massa crítica sobre a causa – uma ação conectada baseada na questão; a ação digitalmente conectada do *Twitter* (DNA para Bennet e Segerberg, 2012) capitalizaria a rede social personalizada entre celebvocates e seus seguidores e entre os seguidores entre si para divulgar as ‘boas causas’” (TSALIKI, 2016, p. 238).

É por essa perspectiva que a performance “autenticante”, tratada por Sibilia (2015), contribui para entendermos as dinâmicas de visibilidade, adesão e cobrança de coerência da parte dos fãs diante das ações dos célebres que admiram e seguem. Para a autora, além de vivermos numa sociedade em que a lógica da visibilidade conduz os sujeitos a ansiar pela “espetacularização de si”, há uma necessidade de comprovar a validade e a autenticidade das performances públicas. O processo de criação do “eu” na ambiência midiática envolve tentativas de criar personagens verossímeis e, segundo Sibilia (2015),

sua potência em termos de veracidade ou autenticidade se apoia em sua capacidade de aparentar e mostrar – e, nesse mesmo ato, inventar ou *performar* – aquilo que eles *estão sendo*, fortemente apoiados em um *eu* considerado verdade e cuja existência se apresenta com toda a legitimidade do *real* (SIBILIA, 2015, p. 363).

Assim, articulando a não aleatoriedade da adesão dos fãs na constituição do lugar de visibilidade de determinados célebres com a necessidade da constante exposição autenticante, na qual os célebres reafirmam suas adesões, seus valores – através da adesão a determinadas causas públicas – assistimos à emergência de um contexto em que a conquista da visibilidade não se dá sem um tensionamento do campo dos visíveis e coloca *sub judice* as tomadas de posição dos célebres. Nesse sentido, cobra-se publicamente autenticidade, coerência e coesão entre ações tomadas publicamente e suas eventuais reverberações políticas.

Diante desse contexto aqui analisado, compreendemos que as lógicas de visibilidade envolvidas na constituição da fama, bem como as relações afetivas e vinculantes estabelecidas com os fãs, são cruciais para compreender as demandas por apoio a determinadas causas. As identificações das questões que eles afirmam publicamente lhes são caras e o escrutínio de suas trajetórias públicas (no caso de Anitta, os ativismos em defesa dos direitos das mulheres e da população LGBTQ+, bem como sua origem social e sua atuação profissional) se tornam elementos chave para ancorar uma demanda por posicionamento da parte de seus públicos. A garantia da veracidade e de um lugar autenticante, balizador de suas atuações públicas, se tornam potentes argumentos de pressão para convocar os célebres a se posicionar politicamente.

Somado a isso, as disputas relativas à conquista da adesão de determinados célebres para causas políticas e campanhas públicas vêm se tornando, para além da

visibilidade que tais figuras carregam junto de si e transbordam às causas apoiadas, uma possibilidade de conferir destaque aos temas caros às campanhas, de modo a envolver e a engajar em gestos políticos coordenados com os públicos.

Também é salutar que a conquista de um célebre para determinadas causas mobiliza ainda complexos processos associados à representatividade, uma vez que essas figuras públicas passam a se constituir como referenciais para o sucesso das campanhas. A representatividade que se espera das celebridades está diretamente ligada a esse poder amplificador oriundo da sua condição de fama e visibilidade, dado que pode colaborar para a construção do entendimento de um fenômeno como “problema público”. Além disso, a partir de posicionamentos advindos de preconceitos naturalizados ou desconhecimento, os célebres também são convocados, com a pressão mais próxima da agência dos seus *followers* via redes online, a aprender e revisar opiniões e ações.

Discutiremos a seguir, a partir do *corpus* de análise recortado, como essas dimensões problematizadas sobre celebridades e representatividade foram acionadas nas falas sobre e para Anitta no contexto eleitoral brasileiro de 2018.

ENTRE #ELENÃO, #ANITTADIGANÃOAOFASCISMO E #FORÇAANITTA: NOTA METODOLÓGICA E A ANÁLISE DOS POSTS

Neste artigo, procuramos analisar como os fãs de Anitta, a partir de uma demanda por representatividade, organizaram uma cobrança pública por posicionamento da artista durante a campanha #elenão. Para isso, metodologicamente, coletamos os posts do *Twitter* que mencionaram Anitta e o #elenão – através das *hashtags* associadas ao tema #anittadiganaoafascismo, #anittaisoveryparty, #forçaanitta #respectforanitta e #anittanão – entre 12 e 27 de setembro de 2018 e operacionalizamos uma análise de conteúdo mesclando abordagens quantitativa e qualitativa (SAMPAIO E LYCARIÃO, 2018)²⁰. A ideia da referida metodologia é mensurar a recorrência de um conteúdo e organizar determinado *corpus* de análise em

²⁰ É necessário explicitar que este *corpus* integra um universo maior, com mais de 20.000 publicações coletadas no *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, disposto na dissertação de mestrado de Lívia Monteiro (2020), sob a orientação de Denise Prado, que teve como objetivo observar a dinâmica interacional envolvendo Anitta e seus públicos durante a campanha #elenão, bem como as transformações no posicionamento dos atores envolvidos ao longo do debate. Além disso, o estabelecimento da parceria para a realização deste artigo foi construída a partir da participação na Rede Interinstitucional de Acontecimentos e Figuras Públicas, a quem somos gratas.

categorias construídas a partir de fenômenos sociais já evidentes ou intrínsecos ao universo pesquisado. Para operacionalização, criamos um banco de dados e um livro de códigos com as variáveis: plataforma do post, *link*, data de publicação, texto do *post*, valência (se positivo ou negativo em relação à cantora), número de curtidas, comentários e compartilhamentos²¹, bem como com as categorias criadas pelas três autoras após a leitura do total de postagens.

Após essa definição, as categorias, apresentadas a seguir, receberam códigos numéricos (1 a 4) e cada codificadora, de forma individual, releu todos textos indicando a categoria no qual se enquadrava. Após a realização das três codificações, checamos a concordância a fim de avaliar se as categorias estavam suficientemente claras e chegamos apenas a pouco mais de 1% de discordância total na codificação.²² O objetivo dessa metodologia de coleta e organização dos dados foi acompanhar o fluxo das postagens, recuperando a organização temporal dos posicionamentos dos fãs e da artista, bem como apreender as transformações e reorganizações discursivas promovidas ao longo do debate envolvendo o posicionamento/não posicionamento da artista.

Foram observadas três modalidades argumentativas acionadas para sustentar a demanda por representatividade nos *posts* sobre Anitta e a *hashtag* #elenão. Elas evocam (1) o gênero da cantora e suas declarações prévias acerca do público LGBTQ+ (do qual já afirmara fazer parte); (2) sua trajetória pessoal e profissional, bem como seu ativismo feminista e (3) acionam um julgamento moralizante (quando são convocados valores morais pretensamente associados à celebridade a fim de pressionar por um comportamento mais afinado junto a seus públicos). A seguir, explicitamos as definições das categorias junto da análise empírica²³.

a) GÊNERO

Nas postagens codificadas como pertencentes a esta categoria fica evidente o machismo estruturante de nossa sociedade. A cobrança por um posicionamento de Anitta, seja a favor ou contra a eleição de Bolsonaro, aciona ofensas e xingamentos

²¹ O banco de dados e o livro de códigos podem ser solicitados às autoras por e-mail e estão à disposição para replicações e futuras pesquisas.

²² É preciso informar que não operamos com o cálculo mais tradicional, por equação, do Alfa de Krippendorff.

²³ A quarta categoria se referia a “outros”, quando não há possibilidade de enquadrar nas demais. Nenhum dos *posts* foi codificado de tal forma.

dirigidos a ela por ser mulher. Referências ao seu corpo, expectativas sociais sobre o que é ser mulher, termos pejorativos ou mesmo desprezo por sua condição (“não ser uma mulher de verdade”) são acionados no conteúdo sob análise. Esse fenômeno está dentro do que Banet-Weiser (2018) chama de “misoginia popular”. A autora afirma que junto à crescente expressão do feminismo no cenário amplo de visibilidade aumentam também formas expressas e sutis de misoginia, definida como “the instrumentalization of women as objects, where women are a means to an end: a systematic devaluing and dehumanizing of women” (BANET-WEISER, 2018, p. 2)²⁴. A autora admite que a força desse processo, junto à ascensão da extrema direita em várias partes do mundo, do mesmo modo que favorece a popularização do feminismo o faz também com seus *haters*.

Essa depreciação da cantora aparece, em um primeiro momento, de quem a acusa de silêncio sobre a conjuntura política. O pedido para que a cantora dissesse “não ao fascismo”, mostrando-se favor do #elenão, é acompanhado de críticas direcionadas ao seu corpo e ao uso deste em seu trabalho, bem como indicando a necessidade de que precisasse estudar e não só “balançar o rabo”, conforme o *tweet* a seguir demonstra: “#AnittaDigaNaoAoFascismo @Anitta o país não é só feito de jogar cabelo e rebolar a raba. Tem que se posicionar politicamente sim.” (12/09/2018, 17:30).

Após a manifestação da artista no dia 19 de setembro, quando Anitta não se posiciona claramente, surgem *posts* mais ofensivos, nos quais ela é chamada de “puta” e “cadela da boca necrosada”. O pedido por posicionamento político anti-Bolsonaro, por vezes apelando por representatividade, é acompanhado de extrema violência. No *tweet* a seguir, a crítica ao uso do voto secreto como suposta neutralidade vem junto de um xingamento bastante agressivo, desumanizando-a: “Anitta usa a desculpa do voto secreto pra não se posicionar publicamente. Os artistas que se posicionaram não disseram em quem ia votar, mas disseram que NÃO VÃO VOTAR no Bozo. Cadela da boca necrosada, acabou pra ti #anittaisoverparty” (19/09/2018, 10:40). Assim como no post anterior, o termo “puta” (que também aparece como “prostituta carioca”) é usado como forma de menosprezo às atitudes da artista: “Era por isso que essa puta não tava

²⁴ Tradução nossa: “a instrumentalização das mulheres como objetos, onde mulheres são meios para um fim: uma desvalorização e desumanização sistemática das mulheres”. (BANET-WEISER, 2018, p.2)

comento sobre o EleNãO, parabéns Anitta você acabou de enterrar sua carreira #AnittaIsOverParty” (19/09/2018, 10:29).

Assim como parte do eleitorado que se engajou no #elenãO tornou os comentários de decepção sobre Anitta exemplos de ataques machistas evidentes, o mesmo aconteceu com aqueles que defendiam o candidato do PSL. Nessas postagens, Anitta é tida como alguém sem o menor valor para emitir opinião sobre política, seu corpo novamente vem à tona e sua imagem é tida como ruim às mulheres, conforme o conteúdo a seguir: “Essa Anita não apoiar o @jairbolsonaro é um favor que nos faz! Quem ganha a vida ensinando criança a rebolar deve apoio ao psol. #Bolsonaro17No1ºturno #AnittaDigaNaoAoFascismo” (12/09/2018, 17:37).

O endosso ao agora presidente acompanha uma crítica ao PT, pelos governos anteriores, e a ausência de “moral” que Anitta teria para se posicionar, por ser apenas, como descreve um dos *tweets*, “a bunda que fala”: “A esquerda tá nervosinha, é? Destruíram o Brasil e agora acham ruim o Bolsonaro líder? Agradeçam ao PT que nos jogou nesse caos Até parece que a bunda que fala tem alguma moral pra opinar de política” (12/09/2018, 18:53).

Os apoiadores de Bolsonaro afirmam que a cobrança oriunda da esquerda por uma sinalização de apoio ao #elenãO por parte de Anitta, uma mulher que explora a sexualidade, é sinônimo de “desespero”, por receio de não ganharem o pleito.

#AnittaDigaNaoAoFascismo Tão com medo de perder a eleição né seus infelizes? Agora vão pedir pra uma mulher que só sexualiza a imagem feminina pra falar que não vota em J.B. Estão DESESPERADOS! Querem até MANDAR no voto dos outros! Vejam quem são os fascistas afinal! (12/09/2018, 17:23)

Outro tipo de cobrança direcionado à Anitta diz respeito ao fato de ela pertencer a uma minoria. Novamente, há dois lados presentes nesse debate. A cantora é encorajada a se posicionar em função de seu público e de ser entendida como parte daquilo que Bolsonaro publicamente afirmava ser contra. Ela seria, segundo este *tweet*, também um “alvo”:

Sempre fui contra esse tipo de cobrança, mas acho que tá na hora dela se posicionar, não só pela cobrança ou pq seu público é em maioria alvo do candidato lá, mas pq ela, como mulher, também está inclusa nessas minorias e é alvo dos eleitores do jegue. #AnittaDigaNaoAoFascismo (12/09/2018, 17:44).

Seu “direito” de não se opor a um candidato ou informar suas predileções políticas também é defendido por seus fãs a partir da ideia de empoderamento feminino, como exemplifica o *tweet*: “Anita é MULHER e tem todo o direito de votar em quem quiser ou não tornar seu voto público. RESPEITEM AS MULHERES! #ForçaAnitta” (19/09/2018, 12:16).

“Uma bunda que fala”, “uma mulher que só sexualiza a imagem feminina”, que “ganha a vida ensinando criança a rebolar”, “uma mulher empoderada que tem direito de não se manifestar”. Esses são alguns dos termos utilizados no conteúdo codificado nesta primeira dimensão do nosso banco de dados. O fato de Anitta ser uma mulher aciona defesas, pedidos de respeito e, ao mesmo, tempo discursos misóginos, independente do “lado” (apoiadores ou não de Bolsonaro). Na próxima dimensão, é a recuperação da trajetória da cantora que passa a ser objeto de disputa nas interpelações sobre seu posicionamento.

b) TRAJETÓRIA

Essa categoria reúne publicações com o julgamento público de Anitta a partir de uma recuperação de sua trajetória e uma convocação do passado, por meio de referências ao seu lugar biográfico e profissional. Aqui, são acionadas atitudes anteriores exibidas na trajetória da artista como recurso para demandar-lhe coerência e questionar a construção autenticante da sua performance pública, apontando inconsistências e incoerências. Assim, as publicações trazem elementos da carreira e de construção pública partindo das ações atuais e prévias da artista para sustentar a fala.

A partir do dia 12 de setembro de 2018, quando Anitta começa a ser cobrada para se posicionar sobre a #elenão mas mantém-se em silêncio, os fãs buscam na trajetória da celebridade elementos que ajudariam a supor qual é o posicionamento dela. Nas publicações, os fãs buscam identificar por conta própria o posicionamento de Anitta em relação a #elenão enquanto ela não o faz. Diante disso, sua trajetória é abordada tanto para criticá-la quanto para defendê-la, colocando em xeque a autenticidade da sua trajetória, conforme discorreremos a partir de Sibilina (2015).

Parte dessas publicações acionam o lugar biográfico de Anitta para inferir que seu posicionamento seria favorável a #elenão. Assim, eles dizem que ela não precisa ser

explícita para demonstrar seu apoio à *hashtag*. Traços da sua trajetória pessoal são usadas para supor que a campanha era condizente ao que ela sempre mostrou ser e apoiar, em especial o fato dela ter se declarado, anteriormente, feminista e bissexual. Essas postagens também acionam sua produção cultural, bem como sua origem social:

Anitta SEMPRE defendeu a comunidade LGBT Nunca escondeu que é feminista Sempre defendeu o funk e os favelados E agora, pq ela não quer se juntar ao movimento do EleNáo (pra ã brigar com amigos/parentes) esse público, que ela tanto defendeu, tá massacrando ela #ForçaAnitta (19/09/2018, 12:56).

Embora o lugar biográfico de Anitta tenha sido abordado pelas publicações para defendê-la, isso também é retomado como forma de criticá-la. As publicações críticas retomam outros eventos nos quais Anitta manteve silêncio como forma de justificar que não seria surpresa sua omissão:

O que esperar de uma mulher que mercantiliza a cultura da favela pra lucrar e depois se recusa a mostrar o mínimo de condolências pelo assassinato brutal de uma mulher negra que trabalhava ativamente pela defesa da vida nas favelas? Não é surpresa... #AnittaIsOverParty (19/09/2018, 14:45).

Várias publicações, assim como essa, se referem ao assassinato, em março de 2018, de Marielle Franco, vereadora carioca, negra e lésbica, eleita pelo PSOL, e reconhecida defensora dos direitos humanos. A indiferença de Anitta sobre o assassinato havia sido criticada, dado que ela inicialmente não fez nenhuma declaração ou demonstrou solidariedade e só realizou uma postagem de homenagem à vereadora após ser pressionada pelos fãs. De forma semelhante ao que aconteceu durante a #elenão, à época, Anitta foi acusada de um esvaziamento de seus discursos sobre sua origem periférica e sua militância LGBTQ+ e feminista.

A partir do dia 19 de setembro, após as postagens de Anitta nas redes sociais, ela é amplamente criticada por falar repetidamente sobre direitos de minorias e, ao mesmo tempo, continuar se esquivando da declaração se apoiava ou não a #elenão. As publicações feitas por fãs que se indignam e se sentem desapontados e a tratam como oportunista se multiplicam. O oportunismo, então, passa a ser visto como uma estratégia da celebridade para lucrar:

Porque a surpresa? Anitta SEMPRE FOI OPORTUNISTA! Esse não se posicionar já é tomar uma posição. Esse negocio de ser ativista, música lgbt, feminista e representante da periferia é apenas discurso pra lucrar com a

imagem de diva. #AnittaIsOverParty <https://t.co/QW7uwRkMVW>
(19/09/2018, 11:38)

Os posicionamentos de Anitta são tratados como construídos de forma estratégica em busca de lucratividade e promoção pessoal. Em relação ao questionamento do ativismo de Anitta, retomamos o debate proposto por Wheeler (2014) sobre a maneira como celebridades cada vez mais aderem a causas sociais e se envolvem no campo político. Para ele, a interatividade com o público faz com que esses ativismos sejam questionados para que não se configurem como mera propaganda, mas acionem valores compartilhados a partir de engajamentos autênticos. Quando Anitta não se posiciona prontamente sobre um tema que geralmente se engaja, seu público questiona a autenticidade de seus ativismos.

A partir desse momento, crescem as publicações abordando o *pink money* e uma eventual traição ao público LGBTQ+: “#AnittaIsOverParty por favor, NUNCA MAIS ouse querer fazer qualquer coisa usando o nome das minorias ou da comunidade LGBT. Não conte com a gente pra nada! A sua máscara caiu e agora pronunciamiento nenhum vai mudar isso. <https://t.co/ORFTeddlJv>” (19/09/2018, 10:39). O fato de Anitta afirmar que faz parte da comunidade LGBTQ+ em uma de suas publicações do dia 19 de setembro é outro argumento utilizado para tratá-la como oportunista:

Eu não quero representatividade bissexual só quando convém, ou quando é pra ganhar biscoito. Não adianta vir dizer que faz parte do Vale, ainda mais de maneira subentendida, mas não dar a cara para dizer não a um candidato homofóbico. #ELENÃO #AnittaIsOverParty (19/09/2018, 12:59).

Essas publicações convocam seu lugar biográfico para questionar o motivo dela só ter namorado publicamente homens ou não ter falado abertamente sobre sua bissexualidade, considerando, a partir disso, suas declarações como oportunistas. Nesse sentido, os fãs questionam que a celebridade utiliza a bissexualidade naquele momento como forma de se favorecer.

Certas publicações afirmam também que, ao não se posicionar em relação à #elenão, Anitta seria hipócrita e incoerente em relação a elementos de sua carreira e de sua construção pública: “ninguém é obrigado a se posicionar sobre política mas >eu< acho uma puta hipocrisia um artista como a anitta que se diz apoiar o feminismo e o

movimento lgbt, ficar as escondidas quando se trata de um candidato homofóbico, racista e machista #AnittaIsOverParty” (19/09/2018 10:37).

Publicações como essas demonstram a quebra de expectativas em relação ao quadro de valores, conforme abordado por França (2004) e Simões (2014), que a Anitta estampava e dizia-se em sintonia com seus fãs: “anitta se contradiz em tudo e não adianta defender, diz ser contra cyber bullying mas é a primeira a ficar de indiretas, diz apoiar lgbt e o feminismo mas nunca se posiciona, e usa a favela SIM pra passar uma imagem que não existe #AnittaIsOverParty” (19/09/2018, 11:08). A partir do momento que Anitta deixa de se posicionar de forma coincidente àqueles valores presentes no contexto social e anteriormente referenciados, seus fãs questionam sua autenticidade e representatividade: “Tá na hora de pararmos de dar títulos e coroas de Rainha dos gays pra hétero. Quem tem que representar a porra da classe é alguém que seja de dentro dela! #AnittaIsOverParty <https://t.co/Zh3ldGVpYB>” (19/09/2018, 11:01). Na próxima dimensão, apresentamos o julgamento moral da cantora que passa a ser objeto de disputa nas interpelações sobre seu posicionamento.

c) JULGAMENTO MORAL

Nessa categoria analisamos como referências mais ampliadas, relativas às posturas políticas de Anitta, são acionadas para compreender e/ou justificar o (não) posicionamento da artista com relação à #elenão. Os comentários nos quais há predominância desse traço fazem referência à inteligência da artista e de seus fãs, acionam valores sociais compartilhados mais amplamente e sinalizam para adesões e identificações entre Anitta e seus fãs. Aqui aparecem tanto falas que defendem o voto secreto e a neutralidade política, quanto uma problematização sobre o quanto as ações públicas e o apoio a determinadas causas envolvem adesões políticas.

Nessa modalidade de postagem são convocados valores morais pretensamente associados à celebridade a fim de pressionar por um comportamento mais afinado junto a seus públicos, envolvendo certo grau de debate, de problematização moral. Diante disso, observamos que os laços estabelecidos entre fãs e celebridades não são aleatórios nem arbitrários, dizem de vínculos sociais – muitas vezes difusos – que indicam um compartilhamento de valores sociais e modos de ver e interpretar o mundo e a realidade social. Por isso, a associação entre fãs e célebres envolve um engajamento assentado em

valores compartilhados, em identificações e expectativas, nas quais uns e outros procuram encontrar eco que reafirmem suas posições. Nas manifestações postadas nessa categoria observamos que, para além de questões sobre a identidade e a trajetória da artista, são acionados valores compartilhados de forma mais ampla, para entretecer uma base argumentativa vinculante, associada ao direito ao voto secreto e à liberdade de posicionamento (ou isenção) político.

Antes de Anitta esboçar qualquer posicionamento, o voto secreto e a neutralidade política são defendidos e compreendidos por dois vieses: (1) como uma estratégia de Anitta manter sua posição política sem expor-se à crítica ou à pressão dos seus públicos (“#AnittaDigaNaoAoFascismo o que me tranquiliza é que ao contrário de quem tá usando essa Tag a Anitta é inteligente sabe o que é fascismo e não vai na onda da militância lacrafora” (12/09/2018, 17:36)); (2) como uma incapacidade e inabilidade da artista de se posicionar politicamente, seja por um viés indulgente (“sou contra @jairbolsonaro , mas vamos deixar a politica para os políticos , sua linda não entra nessa não. #AnittaDigaNaoAoFascismo” (12/09/2018, 20:34)), seja por um ataque pessoal à artista (“Sério que vcs querem que a Anitta faça algum posicionamento sobre a conjuntura política? Já pararam para pensar que são enormes as probabilidades dela não ler sequer um livro, quem dirá argumentar sobre política kkkk #AnittaDigaNaoAoFascismo” (12/09/2018, 18:31)).

Nesse momento, a maior parte das postagens apoia Anitta e adota um tom amistoso. Algumas postagens mostram-se favoráveis a Bolsonaro e veem na ausência de uma fala explícita da artista um apoio velado ao então candidato: “A Anitta é muito inteligente e tenho certeza que ela sabe quem são os verdadeiros fascistas que odeiam o povo de um modo geral. Sabemos que o presidente fascista que tivemos no Brasil (Getúlio Vargas) é ídolo do ladrão Lula. Bolsonaro é mudança pro bem. #AnittaDigaNaoAoFascismo” (12/09/2018, 19:07).

Esse cenário se transforma após as postagens de Anitta em 19 de setembro. Diante da imprecisão da fala da artista, os comentários tornam-se mais acirrados, pois os públicos disputam a interpretação da posição política da artista, considerando-a ora como apoio, ora como rechaço ao então candidato.

Assim, as críticas se dividem: surgem postagens que realizam falas mais genéricas, indicando que ela deveria ser melhor assessorada por sua equipe, bem como manter-se fiel à recusa em se posicionar, vendo nesse vídeo pouco profissionalismo ou má gestão da própria imagem (“Ela realmente deveria investir em uma assessoria de imprensa, porque toda vez que abre a boca... #AnittaIsOverParty <https://t.co/MNRdp6SECH>” (19/09/2018, 12:09)); outras postagens indicam inconsistência na sua ação pública como célebre ativista, endurecendo o tom com a artista, acusando-a de ser apoiadora, mas não membro, da comunidade LGBTQ+, retirando-lhe o pertencimento ao grupo. Em tais postagens há grande cobrança para que ela se posicione mais claramente e reconheça o seu lugar político: “Na verdade, é exatamente por isso que você DEVE se posicionar Ps: Vc não faz parte da comunidade LGBTQ+, vc apoia ela, é bem diferente #AnittaIsOverParty <https://t.co/OzY55KuT4Z>” (19/09/2018, 11:37).

Também aparecem falas que veem no vídeo uma ação estratégica da parte de Anitta, pretensamente isenta, mas de apoio velado a Bolsonaro. Entre esse grupo surge uma crítica incisiva à artista indicando que ela perderia seus fãs (“falsaaaa kkkk carreira acabada!!! bolsominion não passarão aqui!!! bjjs #AnittaIsOverParty <https://t.co/y7anNgDxus>” (19/09/2018 10:30)).

No entanto, com mais fôlego, surgem postagens de eleitores de Bolsonaro que comemoram a postagem de Anitta: “Parabéns Anitta pela sensatez o voto é secreto e divulga quem quer, então ja irei dizendo que aqui é 1.7 chega de corrupção no Brasil !! Meu partido é o Brasil !! #ForcaAnitta” (19/09/2018, 14:28). Essa comemoração pode ser interpretada por duas perspectivas que só fazem sentido à luz do contexto eleitoral.

Na campanha eleitoral brasileira em 2018, os grupos que se declararam neutros eram considerados, ainda que veladamente, apoiadores de Bolsonaro, uma vez que os votos brancos e nulos, como já se sabia à época, eram definidores dos rumos da eleição. Sabia-se que uma alta taxa de votos brancos e nulos permitia que um candidato com uma base eleitoral limitada à faixa dos 30% de intenções de voto alcançasse grandes chances de participar do segundo turno e sagrar-se eleito, como de fato ocorreu. Assim, naquele momento, conquistar o apoio de uma celebridade que defendesse a neutralidade política era estratégico e configurava-se como uma vitória para esse grupo.

Além disso, havia um grande esforço para desqualificar as dimensões políticas envolvendo questões de gênero, classe e/ou sexualidade, de modo que reforçar o argumento de que ser pertencente ou defender a comunidade LGBTQ+ não significava um rechaço a Bolsonaro era duplamente interessante: não só abria a possibilidade de sustentar que ele era apoiado por parte dessa comunidade como despolitizava a luta dos grupos que procuravam evidenciar as danosas e violentas consequências políticas de se ter um candidato defensor da misoginia e da homofobia no poder.

Após a adesão de Anitta à #elenão, no dia 23, não houve mais postagens nessa categoria, pois as falas que se seguiram adotaram um tom mais agressivo e direcionado a ataques quanto a seu gênero e a sua trajetória profissional, conforme apresentado nas categorias anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparado na análise de conteúdo de *tweets* sobre Anitta à época das eleições de 2018 e do movimento #elenão, este texto buscou problematizar as relações entre política, celebridades e demandas por representatividade. A partir de três categorias, demonstramos como o gênero, a trajetória e o ativismo da cantora e os julgamentos morais sobre sua vida se fizeram presentes nos requerimentos públicos para que a celebridade deixasse clara sua intenção ou rechaço de voto naquele pleito. O *corpus* analisado dialoga com a literatura preocupada com o papel político desempenhado de forma cada vez forte pelas celebridades. Recai sobre elas esperanças acerca de assuntos diretamente relacionados ao sistema político ou discussões que emergem no seio da sociedade.

Se para Tsaliki (2016), os célebres têm um importante papel organizador das questões públicas com seus ativismos, pois além de conferir visibilidade às causas apoiadas, trazem seus públicos para o debate de tais temas; em nosso estudo observamos o movimento inverso: os públicos, cientes das potências da visibilidade dos célebres às causas, vêm se tornando importantes atores na organização de grupos de pressão, demandando e direcionando o posicionamento político e as adesões dos célebres às campanhas. No caso aqui analisado, não partiu de Anitta a demanda, mas

daqueles que acompanham e a “elegem” como uma pessoa pública que precisa informar também publicamente seu “lado”.

As pressões resultantes das ações dos públicos envolvem diversas formas de cobrança. Cobrança foi um substantivo bastante acionado ao longo destas páginas. Os estudos de representação, que apresentamos brevemente, sempre enfatizam a necessidade de fiscalização por parte dos eleitores e de prestação de contas pelos representantes daquilo que fazem em seus mandatos. Lógica similar, por outros meios e motivos, tem sido perceptível no caso das celebridades, pois seus públicos passam a analisar a trajetória, seus ativismos e os valores morais a que são associados para realizar um verdadeiro escrutínio das razões e da autenticidade de seus engajamentos políticos. Assim, ao mesmo tempo em que investigam e procuram encontrar coerência entre os valores veiculados e as causas nas quais se engajam, os fãs mobilizam o passado dos célebres como forma de cobrar-lhes determinadas ações públicas.

Justamente pela relevância que a adesão dos célebres vem ganhando no quadro político, seus engajamentos passam a resultar de complexos processos de identificação e engajamento junto a seus públicos e se convertem em um espaço de disputa, afinal, conquistar o apoio dos célebres às causas que lhes são caras confere visibilidade e atenção dos demais fãs a essas frentes. Neste artigo, observamos que o desenrolar da convocação e da disputa pelo posicionamento do célebre pode ser conflituoso e mobilizar, para fins diversos ou mesmo opostos, características, valores e trajetórias biográficas dos célebres.

Se entendemos as celebridades como atores e atrizes que compartilham valores de uma determinada época e encarnam expectativas, é interessante notar como o gênero foi acionado como uma condição que permite aos críticos de Anitta realizarem suas intervenções de forma a rebaixá-la incidindo diretamente no gênero. Essa permissão social que os usuários parecem se valer para xingar Anitta como mulher se liga ao que discutimos na seção anterior relativa às formas como papéis e relações de gênero são desempenhados em uma estrutura maior, conforme sinalizam Connell e Pearse (2015), sobre as feminilidades “exemplares”.

Já as trajetórias biográficas e profissionais de Anitta são rememoradas pelos fãs de forma a buscar coesão entre os valores performados pela celebridade. Por meio desse

resgate do passado, vemos como é essencial aos fãs verem coerência e identificação naqueles que admiram. Nesse sentido, a relação entre fãs e celebridades, pautada nos valores defendidos pelos célebres, são chave para entender as cobranças que levam a uma recuperação de seu passado. O silêncio e a omissão de Anitta apresentam-se como inconsistências que geram desconfiança de que ela teria discursos vazios. Eles deixam de visualizar nela aquilo que admiram coletivamente, questionando a veracidade dos valores que Anitta ostentava e que faziam com que esses fãs a admirassem. A quebra de confiança e expectativa leva os fãs a se expressarem de forma cada vez mais violenta, dizendo-se traídos e “usados” por Anitta, passando a atacá-la por a perceberem como oportunista e estratégica.

Somada a essas perspectivas, no caso em tela, a transformação temporal do tom das postagens do público diante das ações da artista indicam que a suposta neutralidade política de Anitta é vista como um recurso: para os membros da comunidade LGBTQ+ e grupos que vinham demandando um apoio público da artista à #elenão, o “não posicionamento” é danoso não somente porque deixa de manifestar a validade moral do debate público e a defesa dos direitos desses grupos, como também porque normaliza a retirada desses temas do debate público. Tratar dimensões de gênero ou sexualidade como “não políticas” e passíveis de neutralidade é visto como uma perda para a própria conformação pública das questões debatidas nas eleições. Já entre os apoiadores do candidato e, portanto, contrários à *hashtag*, a neutralidade de Anitta soa oportuna e é relevante porque além de reforçar as tentativas de esvaziamento da pauta política proposta pela comunidade LGBTQ+, dá margem para dubiedades, pois fortalece a defesa do argumento da “neutralidade” política, auxiliando na defesa dos votos brancos e nulos, o que, indiretamente, favorecia Bolsonaro. Além disso, no limite, a ausência de uma posição clara de Anitta permitiu, durante algum tempo, que ela fosse associada aos apoiadores do candidato.

Nesse sentido, as três categorias mobilizadas para o entendimento do conteúdo compartilhado no *Twitter* sobre a artista e o movimento #elenão corroboram discussões em curso sobre as potencialidades de se olhar para as celebridades. Longe de serem objetos acadêmicos supérfluos ou atores sociais que não deveriam figurar junto de discussões políticas, o aparecimento público das celebridades, especificamente no caso

de Anitta, revela como as cobranças direcionadas a elas dialogam com expectativas, julgamentos, preconceitos e tensões que não despontam apenas direcionadas ou relativas aos célebres, mas circulam na vida social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Débora. Representação como processo: a relação Estado/sociedade na teoria política contemporânea. **Rev. Sociol. Polit.**, v. 22, n. 50, jun. 2014, p. 175-199.
- ARRUZZA, Cinzia. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. SP: Boitempo, 2019.
- CLICK, Melissa A.; LEE, Hyunji; HOLLADAY, Holly Willson. Making Monsters: Lady Gaga, Fan Identification, and Social Media. **Popular Music and Society**, Londres, ed. 36, v.3, 2013, p. 360-379.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. SP: nVersos, 2015.
- BANET-WEISER, Sarah. **Empowered**. Popular feminism and popular misogyny. Durham: Duke University Press, 2018.
- FRANÇA, Vera V. F. Celebidades: identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, Vera et al. (Orgs.). **Celebidades do século XXI: transformações no estatuto da fama**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 15-36.
- GARCEZ, Regiane. Representação política discursiva e movimento social dos surdos: coletivização de questões como fonte de autoridade. **Organicom**, ano 14, n.26, 2017, p. 193-203.
- hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. SP: Elefante, 2019.
- LAVALLE, Adrián G. et. al. Democracia, pluralização da representação e sociedade civil. **Lua Nova**, São Paulo, 67, 2006, p. 49-103.
- MANIN, Bernard. As metamorfoses do Governo Representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 29, ano 10, outubro, 1995, sp/p.
- MARSHALL, D. Celebrity, Politics, and New Media: an Essay on the implications of pandemic fame and persona. **International Journal of Politics, Culture and Society**. v. 33, p. 89-104, 2020.
- MARWICK, Alice. BOYD, Danah. To see and be seen: celebrity practice on Twitter. **Convergence: the international journal of Research into New Media Technology**, v. 17, n. 2, p. 139-158, 2011.

MONTEIRO, Livia A. C. **Discussões políticas entre celebridades e seus fãs na sociedade em processo de midiaticização: o caso Anitta e a #elenão nas redes sociais.** 2020. 136f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

PHILLIPS, A. De uma política de ideias a uma política de presença? **Revista Estudos Feministas**, v.9, n.1, 2001, p. 268-290.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na Análise de Conteúdo. **Revista de Sociologia e Política**, v. 26, n. 66, jun.2018, p. 31-47.

SAWARD, Michael. Authorization and authenticity: representation and the unelected. **The Journal of Political Philosophy**, v. 17, n. 1, 2009 p. 1-22.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v.17, n.3, p. 353-364, set./dez.2015.

SIMÕES, Paula G. O poder de afetação das celebridades. In: FRANÇA, Vera et al. (Orgs.). **Celebridades do século XXI: transformações no estatuto da fama.** Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 209-225.

TSALIKI, Liza. Tweeting the good causes: social networking and celebrity activism. In: MARSHAL, David. REDMUND, Sean (Orgs.). **A companion to celebrity.** New Jersey: Wiley and Sons Inc, 2016. p. 235-257.

TURNER, Graeme. Celebrity, participation, and the Public. In: MARSHAL, David. REDMUND, Sean (Orgs.). **A companion to celebrity.** New Jersey: Wiley and Sons Inc, 2016. p. 235-257.

URBINATI, Nadia. O que torna a representação democrática?. **Lua Nova**, São Paulo, 67, 2006, p. 191-228.

WHEELER, Mark. The mediatization of celebrity politics through the social media. **International Journal of Digital Television**, v.5, n. 3, p. 221-235, 2014.

Recebido em 19 de junho de 2020

Aprovado em 22 de setembro de 2020